

O Arrastão do Pavulagem e a Moderna Tradição Amazônica

Bruno Mateus Pereira Lima¹
Marina Ramos Neves de Castro²

Submetido: 07/03/2024

Aceito: 03/10/2024

RESUMO

Procuramos compreender os processos de sociação produzidos a partir das manifestações do Arrastão do Pavulagem enquanto criação coletiva e manifestação de cultura popular paraense. A investigação considerou o cenário de negação, esvaziamento e desmonte do aparato cultura do Estado brasileiro no governo Bolsonaro e as implicações ocorridas devido à pandemia da Covid-19. Assim, ensejamos compreender, como esse fenômeno-objeto, o Arrastão do Pavulagem, tornou-se um dos grandes símbolos da cultura paraense ao fomentar as relações e os processos de identificação presentes na Amazônia urbana paraense, em Belém. A metodologia adotada para a compreensão do fenômeno foi a observação participante, a partir de uma postura de inspiração etnográfica, complementada por entrevistas e a descrição densa (Geertz, 1989).

PALAVRAS-CHAVE

Arrastão do Pavulagem; Sociação; Cultura; Símbolo; Identificação.

The Pavulagem Drawing and the Modern Amazon Tradition

ABSTRACT

We seek to understand the sociation processes produced from the manifestations of Arrastão do Pavulagem as a collective creation and manifestation of popular culture in Pará. The investigation considered the scenario of denial, emptying and dismantling of the cultural apparatus of the Brazilian State in the Bolsonaro government and the implications that occurred due to the Covid-19 pandemic. Thus, we seek to understand, how this phenomenon-object, the Arrastão do Pavulagem, became one of the great symbols of Pará culture by fostering relationships and identification processes present in the urban Amazon, Belém do Pará. The methodology adopted

¹ Publicitário e Diretor de Arte. Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco - Unicap e Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade pela Universidade Federal do Pará - UFPA. mateusperlim@gmail.com

² Doutora em Antropologia, mestre em Artes, professora da Faculdade de Comunicação e do Programa em Comunicação, Cultura e Amazônia. Líder do Grupo de Pesquisa Sociabilidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas - SISA, registrado no CNPQ. marinacastro@ufpa.br

for understanding the phenomenon was participant observation, from an ethnographically inspired stance, complemented by interviews and dense description (Geertz, 1989).

KEY-WORDS

Pavulagem trawler; Sociation; Culture; Symbol; Identification.

El Pavulagem Arrastão y la tradición amazónica moderna

RESUMEN

Buscamos comprender los procesos de sociabilidad producidos a partir de las manifestaciones del Arrastão do Pavulagem como creación colectiva y manifestación de la cultura popular en Pará. La investigación consideró el escenario de negación, vaciamiento y desmantelamiento del aparato cultural del Estado brasileño en el gobierno de Bolsonaro y las implicaciones que se dieron debido a la pandemia de Covid-19. Así, buscamos comprender, cómo este fenómeno-objeto, el Arrastão do Pavulagem, se convirtió en uno de los grandes símbolos de la cultura paraense al fomentar relaciones y procesos de identificación presentes en la Amazonía urbana, Belém do Pará. La metodología adoptada para la comprensión del fenómeno fue la observación participante, desde una postura de inspiración etnográfica, complementada con entrevistas y descripción densa (Geertz, 1989).

PALABRAS-CLAVE

Arrastrero Pavulagem; Sociación; Cultura; Símbolo; Identificación.

Introdução

Partimos do entendimento de que linguagem e cultura estão intimamente relacionadas ao ato comunicativo, pois ambas se constroem dentro de um ambiente sociocultural onde as diversas formas de linguagens tem um papel constitutivo e dialético na conformação da cultura, e vice-versa. Destarte, ambas se desenvolvem nos fenômenos dialéticos a partir do ato comunicativo/interativo no processo de sociação (Simmel, 2006).

Para o que nos concerne à finalidade deste artigo, adotaremos a perspectiva de Castro (2011), no que concerne à categoria da identidade amazônica,

Essa identidade amazônica [que] pode ser vista como um ideal-tipo, no sentido weberiano: um sentido em curso, tempo a ser, lugar a chegar. Portanto, como um horizonte de compreensão – que se conforma com blocos de experiências sociais, traduz-se enquanto situações típicas e sedimenta-se, na sociedade, construindo estoques de conhecimento e historicidades. Trata-se de um processo comum a todo curso social, mas torna-se peculiar quando se intensifica, quando se sente

pressionado e crente de algo deve ser agilizado, algo deve ser salvo. (Castro, 2011, p.10)

Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar o universo simbólico do Arraial do Pavulagem enquanto criação e manifestação coletiva da cultura popular amazônica paraense que, inserido num cenário de intensificação da necessidade de identificação amazônica, veio a tornar-se um dos grandes vetores simbólicos e de sociação (Simmel, 2006; Castro, 2018) da cultura paraense. Tal abordagem se mostra relevante, em especial, a partir do reconhecimento do Arraial do Pavulagem como patrimônio da cultura de natureza imaterial de Belém e do estado do Pará³.

A observação participante, de caráter etnográfico, foi conduzida entre maio e julho de 2022 nas ruas de Belém. Esse período abrange desde o início das preparações para as oficinas e cortejos até a conclusão da última manifestação, permitindo uma análise completa do processo de planejamento, montagem e execução dos arrastões. Adotamos a observação participante como metodologia científica, com inspiração etnográfica (Castro, 2018, 2021), complementada por entrevistas realizadas com os fundadores do Arraial do Pavulagem e outros colaboradores do Instituto. Optamos por ouvi-los, pois, ao longo dos anos, eles têm acompanhado de perto os processos que consolidaram o Arraial do Pavulagem como um símbolo da cultura paraense, assim como as transformações pelas quais o projeto passou desde sua criação.

Este artigo está dividido em quatro partes, além desta introdução. O primeiro tópico traz informações gerais sobre os conceitos abordados e o caminho da pesquisa. No segundo tópico, abordamos o histórico do Arraial do Pavulagem interpretando-o a partir dos estudos sobre a “moderna tradição amazônica” (Castro, 2011), o que nos ajudou a elucidar e contextualizar o processo de desenvolvimento e consolidação do Arraial do Pavulagem enquanto referência de identidade e cultura paraense.

No terceiro tópico colocamos em evidência o universo simbólico do Arrastão, trazendo a descrição de um dos cortejos, evidenciando os elementos que constituem esse universo simbólico e que constituem uma referência de identidade para a população paraense. Por fim, no quarto tópico, expomos nossas considerações finais, reflexões de caráter interpretativo sobre o conjunto da pesquisa, relacionando os conceitos utilizados ao longo de nossas reflexões com a experiência etnográfica construída ao longo do período de acompanhamento do Arraial do Pavulagem.

³ Reconhecido como patrimônio cultural de natureza imaterial de Belém pela lei Nº 9305/2017; Reconhecido como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará pela lei Nº 315/2019.

Do Arraial ao Arrastão A volta do Arrastão do Pavulagem

O Instituto Arraial do Pavulagem - doravante AP - realiza inúmeras ações de educação cultural direcionadas à comunidade e desenvolve junto com ela um trabalho de criatividade e cooperação, fazendo uma leitura contemporânea dos saberes tradicionais através de linguagens, músicas, danças e visualidade cênicas que fortalecem a identidade cultural amazônica e se manifestam a cada ano em seus arrastões culturais, em especial no AP que ocorre nos três últimos domingos de junho e no primeiro domingo de julho⁴, levando uma multidão pelas ruas de Belém seguindo a figura central da festa que é o Boi Azulado.

Quanto aos preparativos para colocar o boi azulado na rua, estes começam já no mês de maio, quando o Instituto AP abre as portas de sua sede no bairro da Campina, em Belém, para receber os colaboradores e oficinairos⁵; montar o seu cronograma de suas atividades e ações e dar andamento ao que for necessário para a saída do cortejo no mês seguinte. Isso inclui um aguardado calendário de oficinas que são oferecidas gratuitamente para a população que se inscreve, pela internet ou presencialmente, para participar de uma das três alas que compõem o Batalhão da Estrela: dança, percussão ou pernaltas⁶. Batalhão da Estrela é o nome dado ao conjunto de integrantes do AP que após participarem das oficinas seguem uma rotina pré-agendada de ensaios e estão aptos a compor o Arrastão.

A sede do Arraial já não comporta a crescente quantidade de alunos que se inscrevem nas oficinas, “Olha quanta gente! Será que fica todo mundo até o fim?”, questiona um dos veteranos “seria pai d’égua”⁷, completa. Em 2022, depois de dois anos sem a realização do arrastão, por causa da pandemia, foram realizadas mais de 1000 inscrições, superando expressivamente o número de partícipes dos anos anteriores à pandemia, segundo Leandro Moreira, coordenador de Comunicação do AP.

Devido a esse grande número de inscritos, os ensaios passaram a acontecer na praça que fica de frente à sede do Instituto e, também, nas ruas do entorno do Instituto; de modo que o lugar onde está situado o Instituto de Artes do Pará – IAP passou a se transformar num grande ponto de encontros, de trocas e de aprendizado dos simpatizantes daquela manifestação. Ali, se

⁴ Júnior Braga, entrevista em 20/06/2022.

⁵ Pessoas responsáveis por ministrar as oficinas de Dança, Percussão e Perna de Pau para os novos integrantes do AP.

⁶ Expressão popular utilizada para definir pessoas quem praticam o uso de Pernas de Pau.

⁷ Expressão popular paraense que significa “muito bom”, “beleza”, “ótimo”, “excelente”.

aprendem as coreografias, as músicas, a tocar os instrumentos; discute-se a maquiagem das pernaltas, os novos cortes para os adereços, etc. Ali, em via pública, já ocorre o que podemos compreender como a reivindicação coletiva pelo espaço urbano por parte da sociedade civil que encontra, nas manifestações do AP, um eco às suas aspirações identitárias e culturais, que se realizam através das trocas, das interações e das experiências coletivas de ordem comunicacional, funcionando o AP como o médium para que o ato comunicacional se realize e promova a identidade desejada, encenada, construída dialeticamente no processo da interação.

Importante observar que houve uma grande expectativa para os Arrastões deste ano de 2022, pois ele marca o retorno do Pavulagem às ruas após dois longos anos de isolamento social devido a pandemia do SARS-CoV-2, ou Covid-19⁸. Passado esse período, o AP foi uma das primeiras manifestações de cultura popular da Amazônia a ocorrer sem as restrições decorrentes da Covid-19, e voltou às ruas de Belém com recorde de público⁹. Mais de 45 mil pessoas compareceram para celebrar junto com o Boi Pavulagem o retorno histórico do arrastão que leva o seu nome.

O Arraial do Pavulagem entre o mito e a fronteira

O Arraial do Pavulagem, inicialmente chamado de “Boi Pavulagem do Teu coração”, é um grupo musical criado em Belém do Pará no ano de 1987 a partir do encontro dos músicos e compositores: Ronaldo Silva, Rui Baldez, Toni Soares e Junior Soares. Sua origem se dá num momento de rápida integração da Amazônia ao espaço nacional brasileiro¹⁰. Momento este que acometeu à classe de artistas, intelectuais e produtores culturais locais um sentimento de ameaça de supressão identitária e, ao mesmo tempo, despertou-lhe, a esta classe, a necessidade de reconhecer-se e afirmar-se diante de tal ameaça. Isso porque a referida “integração” assemelhava-se à uma invasão violenta propriamente. Segundo Castro,

A violência dessa integração, com seus capitais, transumâncias, devastações e “grandes projetos”, provocava sentimentos ambivalentes em quem pertencia à Amazônia e julgava que ela a si pertencia. Uma invasão subjetiva, com esferas de arrogância, determinismo e contradição.

⁸ Em dezembro de 2019 a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu alerta sobre vários casos de pneumonia, ainda sem explicação definitiva, que estavam sendo registrados na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na República Popular da China.

⁹ Matéria disponível em <<https://www.oliberal.com/cultura/arrastão-do-pavulagem-volta-às-ruas-para-o-2º-domingo-de-festa-veja-ao-vivo-1.550588>> Acesso em 06 de jul. 2016.

¹⁰ Após a consolidação da BR316, que liga Belém à Brasília, e que nasceu com o objetivo de integrar à Amazônia a todo custo ao projeto desenvolvimentista promovido a partir do governo de Juscelino Kubitschek, intensificado com o projeto da ditadura militar em colonizar a Amazônia (Castro, 2011).

Tratava-se, em primeiro plano, desse sentimento ambivalente de perceber a fronteirização do mundo próprio, o avanço do outro sobre o pretense si-mesmo coletivo.

Em plano decorrencial, tratava-se de empreender estratégias de verificação, verificação e afirmação desse si-mesmo coletivo. Tratava-se de reorganizar o campo do mito como forma de resistência da fronteira (Castro, 2011, p.9).

Essa percepção de estar em uma encruzilhada entre tradição e transformação – ou entre o mito e a fronteira (Cf. Castro, 2011) desencadeou, de forma espontânea na classe cultural, um processo coletivo e subjetivo de discussão e compreensão de certa identidade amazônica, e das possíveis fontes culturais da sua sociedade.

Embora fosse algo sentido e pensado em conjunto pela intelligentsia belenense, esse processo não foi plenamente reconhecido enquanto acontecia – durante as décadas de 1970 e 1980 – e, justamente por isso, não gerou teorizações, nem seguiu lideranças absolutas, criação de dogmas ou produção de sínteses definitivas.

É nesse contexto que o Arraial do Pavulagem floresceu – e continua a florescer - como portador de um projeto comum de afirmação cultural identitária, que também pode ser entendido como um "ideal-tipo", no sentido weberiano, trazido por Castro (2011), ou seja, um ideal-tipo conformado a partir de um sentido em curso, um tempo a ser, um lugar a chegar. Conforme diz Junior Soares:

Os nossos teatros viviam secos. As pessoas não iam assistir a gente porque a cultura paraense naquele momento não tinha vez. Quando nós começamos, a maior dificuldade que nós tínhamos era com a imprensa. Não a imprensa em si, até porque em geral a imprensa sempre noticia, né? Mas com as rádios e a televisão. A gente não tinha acesso a esses formatos. As rádios dificilmente tocavam as nossas músicas. Com exceção da rádio Cultura, nenhuma outra tocava."(Soares¹¹, 2022)

Há um paralelo curioso entre a trajetória do grupo musical e a sua nomenclatura. Pavulagem é uma palavra popularmente utilizada no Pará e tem sua matriz na palavra “pavão”. De acordo o dicionário Papa Xibé, do jornalista paraense Mário Sobral (2005), “pavulagem” é um tipo de “metidez” e está associada ao convencido, o “metido”, aquele que gosta de aparecer. “Aparecer”, naquele momento, era uma urgência tanto quanto um grande desafio para a banda que necessitava de público. Nessa intenção, os integrantes fizeram um boizinho produzido em tala e em tecido com fitas e fitilhos coloridos¹² que passaram a levar todo domingo para um palco improvisado, na frente do Teatro Waldemar Henrique, na Praça da República.

¹¹ Junior Soares, entrevista concedida em 20/06/2022.

¹² Alegoria de mão, em formato de boi sustentada por uma tala de madeira.

Podemos considerar esse boizinho como uma isca, aquilo que ali está para atrair, pegar e reter, em forma de alegoria para provocar a curiosidade, com o objetivo de atrair o público provocando sentimentos de identificação. E ao mesmo tempo fizesse com que a banda seguisse cantando e tocando numa espécie de espetáculo aberto para quem ali estivesse e quisesse participar, não apenas assistindo-os, mas cantando e dançando com os músicos. Esse foi o embrião do que hoje se tornou os famosos Arrastões do Pavulagem.

Como passar dos anos, a receptividade do público foi aumentando e se fazia perceber na crescente quantidade de pessoas que já começavam a lotar a praça da República, aos domingos, para ouvir e dançar suas músicas. Diante disso, o grupo musical percebeu a necessidade de aprofundar o trabalho desenvolvido por eles, e deram início a uma incursão pelos interiores do Pará, pesquisando música de raiz¹³, ritmos, sons e técnicas de confecção de instrumentos musicais. Posteriormente bailarinos se uniram a este processo etnográfico investigando e registrando (C.f. Lima; Gomberg, 2012) a coreografia das danças e ritmos paraenses como lundu (ou lundum)¹⁴, o carimbó¹⁵, siriá¹⁶, xote marajoara¹⁷, retumbão¹⁸, polca, incorporando-os as performances do grupo.

Esse movimento de aprofundamento e investigação sobre a origem dos elementos musicais e dançantes evidenciados acima por Junior Soares (2022)¹⁹, é um recorte cultural, portanto simbólico, que ilustra a crítica feita por Castro (2011) sobre o esforço de produção de sentido para estar num mundo ameaçado pela fronteirização, e como esse esforço acabou

¹³ Música de raiz é aquela entendida pelo grupo como a música que é tocada e cantada em comunidades no interior do Pará e que, para esses músicos, são caracterizadas como natural daquela cultura do interior da Amazônia paraense.

¹⁴ “No lundu todos os participantes, inclusive os músicos, formam uma roda e acompanham ativamente, com palmas e cantos, a dança propriamente dita, que é feita por um par de cada vez. [...] A ‘umbigada’ é o gesto coreográfico que consiste no choque dos ventres, ou umbigos [...]. Em traços gerais, elas consistiam no seguinte: todos os participantes formam uma roda.” (SANDRONI, 2001, pp. 64-84).

¹⁵ Expressão que compreende um complexo lúdico de práticas, esteticidades e performances, o carimbó, [...] constitui uma das mais emblemáticas e alegóricas referências da cultura paraense. (INRC Carimbó, Dossiê IPHAN, 2014, p. 23)

¹⁶ Dança folclórica do município de Cametá. Do ponto de vista musical é uma variante do batuque africano, com alterações sofridas através dos tempos. Ver em <http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=273>, acessado em 04 de janeiro 2022.

¹⁷ É como se chama o carimbó tocado e dançado na região do marajó.

¹⁸ O retumbão é uma dança derivada da Marujada e, assim como outras danças típicas da região Norte, tem a temática religiosa. É dançado em homenagem a São Benedito, sendo que as mulheres são as que determinam e comandam o ritmo, auxiliadas pelos instrumentos de percussão. Os movimentos de dança assemelham-se a espanholas tocando castanholas, com as mãos erguidas na altura da cabeça. Os homens vestem-se de branco e as mulheres utilizam vestimentas semelhantes às da marujada. <https://www.dancastipicas.com/brasileiras/dancas-regiao-norte/>, consultado em 04 de janeiro 2023.

¹⁹ Entrevista concedida em 20/06/2022.

gerando um processo de intensificação frente à necessidade de afirmar um processo de identificação social apresentado como a “moderna tradição amazônica”.

A moderna tradição amazônica pode ser vista como um desvelamento social. Não como a recuperação e defesa de uma essência ou o resgate de tradições, como querem tantos autores, ainda dominados pelos paradigmas de uma modernidade castradora, mas sim como uma bricolagem coletiva, uma invenção ou imaginação cujos processos, dispersos no corpo social, podem aqui ser chamados de intersubjetividade. (Castro, 2011, p. 10).

A moderna tradição amazônica, segundo Castro (2011), não constitui então um determinado tempo histórico, linear ou cronológico. Ela é um sentir coletivo, refluxo da intersubjetividade²⁰, um “desejo de ser” socialmente compartilhado que se projeta a partir da “angústia em ser” provocado pela “fronteira”.

Será possível compreender melhor esse processo de busca e reelaboração de um processo que se constitui como intrínseco à moderna tradição amazônica ao analisar o plano de fundo que deu origem ao Instituto Arraial do Pavulagem e seus desdobramentos.

O Arraial do Pavulagem percebido na moderna tradição amazônica

Inicialmente recebido com estranheza, devido a forte alienação cultural observada anteriormente, os arrastões do AP, a partir das iscas, ou melhor, dos símbolos identitários utilizados em suas apresentações, os shows do grupo ganharam, paulatinamente, mais adeptos. Assim, com a adesão do público, os *shows* das tardes de domingo, realizados na praça pela banda, se transformaram em arrastões (C.f. Lima; Gomberg, 2012) - cortejos em que o boi percorre a cidade levando atrás de si uma centena de pessoas embaladas pelas músicas e símbolos do Arraial.

A familiarização com o repertório simbólico levado pelo grupo – o bozinho feito de tala (tala que se faziam também os papagaios/pipas e demais artesanato da cidade), por exemplo - e a atração que a música e a dança exerciam sobre as pessoas, resultou numa mudança de postura do público para com o grupo. Mais pessoas se chegavam para brincar ao som do Arraial, famílias e amigos se reuniam nos eventos apropriando-se do espaço, e aquela postura inicialmente contida, evoluiu para um contagiante fazer-junto. "A gente foi inserindo todo mundo que chegava,

²⁰ Compreendemos a Intersubjetividade, como um “termo oriundo da fenomenologia, [que] consiste naquilo que pode ser compreendido como uma experiência sensível comum. É o ambiente de união cognitiva entre os indivíduos, aquilo que permite que os dois ou mais indivíduos sintam algo de maneira semelhante em relação a alguma coisa que está no mundo.” (Castro, 2018; 2021)

e também ia buscando criar esse espaço afetivo que depois virou um enorme lugar de encontro. Com o tempo tivemos que ir para a rua porque a quantidade de pessoas que juntava já não cabia mais na praça.” (Soares, 2022)²¹

Esse fazer-junto que Maffesoli (1993) caracteriza como a efervescência, a liga, aquilo que une através do sentir-junto e que conforma uma forma social (*apud* Castro, 2017), e engendra o sentimento de pertença.

Nesse ínterim, envolvidos com o processo de aprofundamento e investigação observado no tópico anterior, o grupo do AP atualizou e ampliou a estrutura de suas rodas de boi. Abraçaram, a partir de então, uma diversidade de ritmos, símbolos, sons, saberes e fazeres artesanais advindos de suas pesquisas pelo interior do Estado do Pará, mas não ficando restritos às cantigas regionalistas e à cultura do boi-bumbá. A partir de então, deu-se origem ao arrastão propriamente dito, mas com peculiaridades socioculturais e de importantes representações populares, como veremos no próximo tópico deste artigo.

Nós temos uma maneira única de fazer aquilo ali. Algumas pessoas achavam que nós deveríamos ser folclóricos. Folclóricos no sentido de reproduzir exatamente como são as manifestações. Mas nós somos um organismo vivo. Nós não temos um compromisso de ser um patrimônio edificado, solidificado, preso a um formato original. Nós processamos as informações e fazemos novos produtos. Essa que é a nossa versão original. (Soares, em 22/06/2022)

Compreendemos que esse é um exemplo do anseio intersubjetivo que conforma a moderna tradição amazônica, essa que não se percebe refém de um passado, muito menos como a recuperação de uma essência, conforme aponta Castro (2011). Ao contrário ela é uma invenção do presente e no presente, que não procura resgatar e que não coincide com um espaço geográfico-histórico, pois é marcada, justamente, pela busca de uma identidade não consolidada e que está em constante reelaboração.

O universo simbólico do Arrastão do Pavulagem

É manhã do segundo domingo de junho de 2022, em Belém do Pará. No coração da Praça da República, em frente ao Theatro da Paz, um grupo vestido de maneira uniforme, mas plural, vai transformando a paisagem e acrescentando ao verde predominante do lugar – devido a arborização e o gramado da Praça da República -, um colorido vibrante e ritmado, que anuncia

²¹ Em entrevista a 20/06/2022.

que o dia é do AP. São os adereços e o fardamento do grupo que trazem o “uniforme”, e dão a ideia de unidade aos brincantes do AP. Todos ali utilizam um chapéu de palha largo, com uma estrela azul pintada no topo e fitas coloridas: amarelas, vermelhas, azuis e verdes, de aproximadamente 90 centímetros, que caem da aba do chapéu sobre os ombros e as costas dos brincantes. Além disso, utilizam calça ou saia branca e uma camisa azul-escuro, que os identifica como sendo o “Batalhão da Estrela”. Da Estrela do Boi Azulzinho!

Ao observar o grupo mais de perto, a uniformidade se dilui e a pluralidade se faz notar de diversas formas, a começar pelo modo como utilizam o chapéu. Há quem o coloque sobre a cabeça, como é de costume, mas há também quem amarre as fitas no pescoço ou, então, atravessando o peito como uma mochila de alça. A camisa também ganha cortes, ajustes e enfeites diferentes, a depender de quem a usa. Há quem transforme em regata, dê um nó sob a barriga ou acrescente mais fitas e brilhos, com lantejoulas, por exemplo. São intervenções tão diversas quanto as pessoas do conjunto. Gente de diferentes idades, cores, classes, profissões e perfis, que trazem consigo, além do sorriso estampado no rosto, adereços de várias formas e materiais, como por exemplo, de miriti, as pernas de pau e instrumentos musicais, além de colares e brincos, braceletes, tudo para compor o visual para participar do Arrastão.

Figura 01 – Saída do Cortejo



Fonte: Acervo do Instituto Arraial do Pavulagem (2022)

A este batalhão vai se somando outros brincantes, curiosos, turistas e ambulantes, que embalados pelas toadas de boi, carimbó e músicas juninas ampliam o volume da folia ali na concentração do cortejo. O clima é de festa, há pessoas cantando e dançando por todos os lugares, e mesmo com a intensa aglomeração presente no local, não se vê brigas ou confusões. As pessoas vão chegando e concentrando-se cada vez mais perto do Batalhão, com o intuito de ter a melhor

visão do momento da chamada Roda Cantada - quando os integrantes do batalhão formam um corredor em frente ao palco montado na praça e ensaiam as músicas e coreografias, interagindo com as pessoas que estão em sua volta, numa espécie de aquecimento para o cortejo, o que aumenta o clima de expectativa para a saída do mesmo.

No meio desse corredor formado pelo Batalhão durante a coreografia da Roda Cantada está o personagem mais conhecido e importante da festa, e que dá nome ao arrastão, O Boi Pavulagem ou “Boizinho azul”, como é carinhosamente chamado pelos brincantes.

Figura 01 – Olha o boi! Ê boi!



Fonte: Acervo do Instituto Arraial do Pavulagem (2022)

O Boizinho é composto de ripas de madeira miriti²² que são bem leves e característica da região - em especial da região e do município de Abaetetuba -, revestido com veludo azul, possui uma estrela dourada na testa e uma saia feita com mais de três metros quadrados de cetim amarelo. Em seus chifres caem fitas coloridas que são amarradas em suas pontas, em especial nas cores primárias, seguidas de verde e branco; acima e nos altos dos chifres há uma meia coroa de flores, também chamada de rosário, ligando as duas pontas dos chifres. O seu corpo é decorado com plumas, bordados em lantejoulas e fios coloridos.

²² Miriti (Maurita flexuosa) é uma palmeira nativa das áreas alagadiças do Norte do Brasil que pode chegar a 35 metros de altura e possui usos diversos. as folhas, talo e bagaço são muito utilizados na confecção do artesanato local e são um símbolo da cultura Amazônica.

As imagens produzidas pelos enfeites no corpo do Boizinho fazem referências à diversidade da cultura amazônica paraense e aos santos da quadra junina. Abaixo e a frente da cabeça do boi podemos notar uma pequena abertura em forma quadrada o que permite ao condutor do Boizinho a olhar o que se passa, caminhar e dançar com a visibilidade necessária, e ter o mínimo de ventilação embaixo daquele boi.

Dentro da estrutura oca do boi vai o Márcio Gomes, o Baba, também chamado pelos brincantes de “tripa²³”. Há mais de 20 anos ele é o responsável por dar vida ao boi ao longo do Arrastão, chamando atenção com seus gingados, pulos e rodopios. A festa é dele! Sem ele o arrastão não sai!

“Chegou a hora de colocar o boi na rua!”, é possível ouvir alguém dizer entre um dos brincantes. Uma expressão utilizada entre participantes assíduos do folguedo que nada mais é do que uma constatação do movimento que começa a acontecer na praça. Terminada a Roda Cantada, todo o Batalhão da Estrela e o boi se organizam para sair em cortejo pelas ruas da cidade. Junto com eles vai também um rio de gente que segue seu curso pela Avenida Presidente Vargas até desaguar na Praça dos Estivadores, em frente a Baía do Guajará, onde acontecerá a apoteose ou o ápice do evento, o Show da banda Arraial do Pavulagem, que encerra a programação do dia.

O trânsito, na Av. Presidente Vargas e nas ruas adjacentes, é interrompido pelos funcionários da Secretaria de Mobilidade Urbana e, numa ação totalmente coordenada, os integrantes do Batalhão da Estrela e os demais brincantes se organizam em quatro grandes grupos/alas, de acordo com as suas atribuições, a ala dos Cavalinhos, a da Dança, o dos Músicos e dos Pernaltas. Eles são precedidos por quatro pessoas que, tais como abre-alas, vão à frente do Arraial segurando orgulhosamente os estandartes dos santos homenageados no período junino, São João, São Pedro, Santo Antônio e São Marçal, além do estandarte do Arraial do Pavulagem, propriamente. Assim como os demais adereços do cortejo, esses estandartes são coloridos e decorados com lantejoulas, fitas, brilhos e plumas.

²³ Termo popular comumente utilizado para se referir ao intestino. É também o apelido dado a quem vai dentro dos bois-bumbás animando os brinquedos. O uso do termo nesse contexto faz referência ao órgão interno do animal que agora cede lugar para o animador.

Figura 02 – Estandarte de São João



Fonte: Acervo do Instituto Arraial do Pavulagem (2022)

O primeiro grupo, chamado de “Cavalinhos”, é composto por crianças e pela turma da Apae²⁴. Possui esse nome por causa das fantasias coloridas que imitam a forma de um cavalo. A vestimenta envolve os quadris como um bambolê e fica suspensa pelos ombros, por meio de um suspensório composto por duas alças de pano. Com seus chapéus com fitas, iguais àqueles descritos anteriormente, e sob a supervisão dos responsáveis e da coordenação de um animador, as crianças seguem fazendo folia ao som dos instrumentos, e se movimentam livremente no espaço reservado²⁵ para elas. Não é difícil ver seus olhinhos varrendo todo o espaço e absorvendo cada informação presente no ambiente que se faz lúdico, e que pulsa ao seu redor. Quando encontram algo que lhes chama a atenção buscam, boquiabertas, o olhar do responsável, como quem diz: “você também viu o que eu acabei de ver?!”. Logo em seguida, o olho arregalado se converte em sorriso de satisfação, a surpresa dá lugar a alegria e elas mergulham novamente na folia.

²⁴ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), fundada em 1954, no Rio de Janeiro, caracteriza-se por ser uma organização social, cujo objetivo principal é promover a atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla por meio de serviços de educação, saúde, assistência social e defesa de direitos das pessoas com deficiência.

²⁵ Visando a segurança das crianças esta é a única ala do cortejo que é cercada por cordas.

Figura 03 – A folia dos cavalinhos



Fonte: Acervo do Instituto Arraial do Pavulagem (2022)

A dança é o segundo grande grupo no encadeamento do cortejo. Ali, homens e mulheres das mais diferentes idades, executam uma sequência de danças coreografadas sob o comando de instrutores que vão dançando a frente do grupo e no meio deles. Em certos momentos, as sequências ritmadas de passos executados pelo grupo chegam a ser hipnóticas, pois realizam em uma sincronia quase perfeita.

Outro movimento que chama à atenção nesta ala, para além do balanço dos corpos e dos pés, é o agito dos adereços que os dançarinos levam nas mãos. São figuras de elementos presentes nas letras das músicas do Arraial tais como pequenos boizinhos, estrelas, luas, sóis, dentre outros. São coloridos, enfeitados com fita e preso no alto de longas varetas ou talas. Com os braços elevados acima de suas cabeças, os brincantes seguem balançando-os sobre suas cabeças. Na medida em que dançam tais elementos agregam à coreografia valores simbólicos intersubjetivos e completam o cenário lúdico do grupo, do arrastão e da festividade.

Essa ala precisa de uma área maior do que as demais alas para que os brincantes possam fazer seus movimentos, o que, em alguns momentos, causa atrito com o público que acompanha o cortejo. Por mais que exista o consenso de atenção e respeito com as alas, esse limite tênue entre o espaço do batalhão e o espaço do público, é rompido a todo momento. Há quem entre no meio da ala para fazer uma foto; há os que chegam mais próximo na tentativa de aprender a dança; e também, há aqueles que se aglomeram na rua para ver a passagem do batalhão, e acabam obrigando o grupo a se espremer além do desejado para a realização da coreografia na

avenida. Com um pedido de licença daqui e um apelo de abrir espaço acolá, tudo se ajeita e o desfile vai seguindo o seu trajeto.

Figura 04 – Passagem da ala da Dança



Fonte: Acervo do Instituto Arraial do Pavulagem (2022)

Na sequência vêm a ala dos músicos. Uma orquestra composta por cavaquinhos, maracas, barricas, banjos, ganzás, caixas de boi, triângulos, onças, saxofones, trompetes, entre outros. Tão diversos quanto os instrumentos, são os integrantes dessa ala que possuem variados perfis de idade, gênero e estilos. Organizado por naipes e conduzidos pelos instrutores, eles seguem animados em sua marcha com a missão de conduzir o cortejo até a sua apoteose, tocando os ritmos tradicionais que animam o festejo do começo ao fim. Começam com toadas de boi, seguido de carimbó e por fim música de quadrilha junina. Se caso ao término da quadrilha o arrastão ainda não tenha concluído o seu percurso eles retomam as toadas ou recomeçam a partir do carimbó.

Até então a visão era o sentido mais provocado no cortejo, devido à imensa variedade de cores, de elementos lúdicos que compõem a vestimenta e os arranjos, e os movimentos dos corpos presentes no cortejo. Contudo, na medida em que se observa os músicos de perto e torna-se possível ouvir com mais atenção os sons produzidos por eles, é o sentido da audição que ganha um despertar e se vê atizado a associar cada som percebido a um instrumento ali presente, assim como a um movimento de corpo e a coreografia realizada pelos grupos. Há um vínculo direto e referente ao visual e ao auditivo que conduzem o cortejo na forma na qual ele se realiza. Aquele sentir junto toma uma forma, uma forma social, um processo de socialização pautado pelas sensações de quem ali o vivencia e o experiencia.

Há uma espécie de transe momentâneo em que percebemo-nos imersos numa profusão de sensações que são pautadas pelas nossas percepções auditivas - com as músicas, ritmos, sons e batiques que, paulatinamente, volta a fazer sentido enquanto conjunto; também, pelas percepções visuais - pautada pela profusão de elementos, como adereços, cores, formas, etc.; pelas sensações táteis do calor, que dilata nossos sentidos corporais; pelo paladar - com a presença de comidas vendidas no local, assim como bebidas e alcoólicos; e o olfato, aquele elemento que nos pauta ainda que subjetivamente (Castro, 2018). Essa profusão de elementos que ali, embalam nossos sentidos, envolvem a todos os participantes daquele fenômeno e reverberam as formas de sociação que conformam as sensibilidades dos brincantes.

Figura 05 – Diversidade de sons e estilos



Fonte: Acervo do Instituto Arraial do Pavulagem (2022)

Aos poucos as pessoas ao redor começam a olhar mais para cima, e dessa vez não é para procurar abrigo na sombra das mangueiras que ladeiam a avenida, mas sim para admirar os pernaltas que estão cada vez mais próximos. A bem da verdade, não é necessário que eles se aproximem para que sejam notados, visto que são homens e mulheres montados em pernas-de-pau que podem passar dos 70 cm de altura. Há um detalhe característico desse grupo que os difere dos demais, e que chama a atenção de quem observa de perto, a forte e proeminente maquiagem.

Com os rostos pintados à semelhança de palhaços, os pernaltas trazem uma aura circense ao cortejo. A base da maquiagem é toda branca, como uma tela limpa, que ganha vida e cor com pinturas de símbolos do arrastão, como a estrela, o sol, a lua e o coração. A isso também se soma batons e contornos mais escuros, além de brilhos e apliques de lantejoulas.

Figura 06 – Os Pernaltas



Fonte: Acervo do Instituto Arraial do Pavulagem (2022)

Ordenados do menor para o maior, e sempre sorridentes, eles esbanjam irreverência, batem palmas, cantam, fazem caras e mexem as bocas, dançam com o boi, interagem com as pessoas do batalhão e com a multidão que envolve e acompanha o cortejo dos dois lados da avenida. Um dos momentos mais aguardados é quando, já próximo ao fim do festejo, eles dançam a quadrilha puxada pelos músicos. Tudo isso equilibrando-se em suas pernas-de-pau, desviando das irregularidades do asfalto.

Já passam das 11 horas da manhã, o sol está forte. E na medida que se aproximam da Praça dos Estivadores, as mangueiras ficam mais espaçadas, o calor aumenta. A essa altura do percurso é possível perceber algumas mudanças no comportamento dos participantes. Os chapéus se convertem em leques, as maquiagens já não estão em seu melhor estado e derretem-se pelas suas faces, os ambulantes, que também acompanham o arrastão, comboiados de suas caixas de isopor, são cada vez mais procurados em busca de algo que ajude a refrescar o calor: água, cerveja e refrigerantes são os mais procurados. Mas nenhuma dessas coisas parece ser capaz de parar a multidão, que segue fiel à sua procissão, atrás do Boi Pavulagem, num passo entre a caminhada e a dança.

Mesmo com aparência de cansaço a multidão não dá sinais de desânimo, mas o contraste de disposição fica evidente quando se observa o gingado do boi. Animado pelo Tripa, ele segue perambulando freneticamente, movido por uma energia inexplicável, dando pulos e rodopios no meio da multidão. O boi não é considerado uma ala do Arrastão, e por isso tem a liberdade para transitar por todas elas. Pode tanto interagir com os estandartes, lá no início de cada ala, quanto

voltar para dançar com os pernaltas, no final, e assim ele o faz. Por onde passa, atrai olhares. Seja dos brincantes que acompanham a folia, seja das pessoas que despontam nas sacadas dos prédios, ou dos carros que aguardam nos cruzamentos fechados enquanto o cortejo segue.

Não somente os olhares se voltam para o boi ao longo de sua andança. Tais como estrelinhas cintilantes, centenas de lentes de câmeras e celulares estão constantemente apontadas para ele, buscando capturar um momento do festejo. Em algumas situações isso chega a ser um problema, na medida em que esse público interrompe ou impede o avanço do cortejo, para fazer seus registros fotográficos.

Quando se aproxima o final do cortejo e os músicos soltam os primeiros acordes de Iniciais Boi Pavulagem, uma das músicas mais famosas do Arraial, a multidão vibra de entusiasmo.

Iniciais BP

Eu venho da Fortaleza
Colhendo flor no balaio
Vou enfeitar o rosário
Pra quando for mês de maio
Deixar bonito meu boi
Bordei no couro esse ano
Com linha fina de prata
A estrela d'alva e a lua
Pro astro rei... luz divina
Fiz um ponteio dourado
É d'ouro, prata e brilhante
As iniciais BP
De rubis e diamantes
Estrelinhas tão cintilantes
Que é pra todo mundo ver

Ouve-se palmas e gritos por todos os lugares do cortejo, e começa, então, um dos momentos mais encantadores do Arrastão. O batalhão segue cantando a canção até o momento em que se diz: “É d'ouro, prata e brilhante as iniciais BP...”. Nesse momento há uma pausa dramática dos instrumentos que é seguida pela voz estrondosa da multidão que responde: “Boi Pavulagem!” e então os instrumentos e o batalhão retornam a tocar e a cantar: “De rubis e diamantes. Estrelinhas tão cintilantes, que é pra todo mundo ver!” Nesse instante há um solo dos instrumentos e todos os brincantes começam a pular, agitando os seus chapéus de um lado para o outro de modo que as fitas coloridas presas em suas abas serpenteiam no ar formando longos arcos coloridos causando uma explosão de movimento e cor por toda a avenida. É uma cena impressionante e diante da qual é impossível ficar indiferente.

Figura 08 – Explosão de cores na avenida Presidente Vargas.



Fonte: Acervo do Instituto Arraial do Pavulagem (2022)

Ainda que a letra da música recém cantada diga que há ouro, rubis e diamantes presentes no bordado do boi, isso nada mais é do que uma licença poética para evidenciar a reverência e o afeto dedicados ao brinquedo central da festa, o boizinho azul, este que não é enfeitado com pedras preciosas ou brocados luxuosos como o é encontrado nos bois do Amazonas. É um boi enfeitado com os trecos e coisas (Miller, 2013) do Mercado popular local. Mas isso em nada atrapalha o Pavulagem em sua missão de conquistar a atenção e corações de milhares de pessoas e conduzi-las com alegria pelas ruas de Belém.

Ao término do AP é possível compreender o porquê da escolha desse nome. No trecho em que a Avenida presidente Vargas encontra a Boulevard Castilhos França o terreno se inclina para baixo em direção à Baía do Guajará, e quem está no fim nessa ladeira e olha para trás pode observar o cortejo de um ângulo privilegiado, o cortejo parece um grande rio de gente que desce ladeira abaixo alimentado por afluentes que trazem ainda mais gente de todas as ruas transversais por onde ele passa. Esse rio pulsante deságua num mar de gente tão grande quanto àquele que já se encontra na Praça dos Estivadores à espera da apresentação da banda Arraial do Pavulagem, a apoteose, e que encerra a programação do dia.

Diante dessa visão não dá para evitar os questionamentos que logo vêm à cabeça: “De onde saiu tanta gente? E como toda essa gente veio parar aqui?”. Disfarçada de veludo azul, saia de cetim amarelo, flores na cabeça e uma estrela na testa, foi o Pavulagem que de alguma forma arrastou a multidão nesse cortejo. Não o Pavulagem-boi, mas o pavulagem-símbolo, com todos os elementos que o conformam e com todos aqueles que ali, naquele momento constroem uma

identidade construída na coletividade, genuinamente amazônica e paraense, porque se pretende ser do mundo, e por isso mesmo é celebrada por todos e por cada um que compõe aquela multidão.

Considerações Finais

Este artigo procurou compreender como determinado ambiente cultural e simbólico promovido pelo Arrastão do Pavulagem - enquanto criação coletiva e de manifestação de cultura popular -, inserido num contexto de intensificação de identificações amazônica, engendrou processos de sociação produzidos a partir das manifestações do Arraial do Pavulagem, e veio a tornar-se um dos grandes símbolos da cultura paraense na cidade de Belém.

Como observado anteriormente, a metodologia da pesquisa baseou-se na observação participante, inspirada por uma abordagem etnográfica, complementada por entrevistas e pela 'descrição densa' do fenômeno (Geertz, 1989). Um importante aporte teórico para revelar o fenômeno social, cultural e simbólico do Arrastão do Pavulagem, bem como para refletir sobre os processos de identificação que moldaram e continuam a moldar o evento, foi o referencial teórico-reflexivo. Esse processo intersubjetivo, contextual e sensível conforma uma percepção coletiva e histórica dos processos socioculturais, configurando, assim, o que Castro (2011) denomina de 'moderna tradição amazônica'.

Assim, pudemos perceber que o artista, inserido em seu contexto cultural e simbólico, com o propósito de dialogar - no caso aqui tratado - através de sua música, e utilizando-se de elementos constituidores dessa cultura - o boi, as festas juninas, a quadrilha, as músicas, os ritmos, os adereços - deram início a um processo criativo e coletivo que culminou na constituição simbólica do Arraial do Pavulagem, e, também, no compartilhamento de sentidos que foram construídos coletivamente e que corroboraram para que a sociação - ou forma social - se colocasse em evidência através das manifestações do Arrastão nos dias de domingo na Praça da República, em Belém.

Importante perceber que, ao enfrentar as ameaças que a fronteirização impostas à região amazônica e aos seus sujeitos, o Arraial do Pavulagem, ainda que não tenha premeditado, conseguiu se destacar como uma expressão simbólica do movimento de busca e afirmação do *eu* amazônico paraense, tão intrínseco à moderna tradição amazônica.

Na medida em que revisitou a Amazônia profunda à procura das referências de suas origens, o AP criou a dinâmica de resgatar e traduzir novas fontes simbólicas para o seu tempo e

seu espaço urbano. Além de cultivar um universo simbólico rico e singular, também conseguiu materializar novas linguagens e construir uma visão de mundo compartilhada, que se consolidou de forma tão eficaz que se tornou uma referência coletiva de identidade.

Durante a pesquisa, foi fundamental observar o forte sentimento de pertencimento e acolhimento das pessoas envolvidas no cortejo, tanto participantes quanto espectadores, em relação ao Pavulagem e seus símbolos. Esse envolvimento mútuo entre público e artistas reflete o "sentir com" e o estar-junto, descritos por Maffesoli (1995) no desenvolvimento da efervescência.

Como organização autônoma e sem fins lucrativos, abraçada pela sociedade civil, o Arraial simboliza o sucesso da moderna tradição amazônica ao criar um universo acessível e significativo para uma comunidade plural, que vai além de seus fundadores. Esse êxito coletivo gera relações de identificação e pertencimento cultural, expandindo suas fronteiras para além da cultura local de Belém. Dessa maneira, podemos compreender o surgimento do Instituto Arraial do Pavulagem em 2003 como a "institucionalização de uma referência de identidade" (Castro, 2011, p.173).

Por fim, o Pavulagem se revela mais que uma banda, um instituto ou um arrastão: é um espaço afetivo de encontro, trocas e existência. Representa uma identidade plural, continuamente renovada por aqueles que se reconhecem nesse espaço-evento e que levam adiante, pelas ruas, essa utopia bovino-azulada de ser e existir no mundo.

Referências

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Coleção pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CASTRO, Fábio Fonseca de. **Entre o Mito e a Fronteira**. Belém, Labor editorial, 2011.
- CASTRO, Marina R. N. O vestido vermelho: consumo, cultura material e comunicação intersensorial na feira do Guamá, Belém-Pará. **Novos Cadernos do NAEA**, v. 24 n. 2, p. 125-141, maio-ago 2021.
- CASTRO, Marina R. N. Aportes teóricos para pensar a feira enquanto Forma Social. **Revista Sociais e Humanas**, v. 30, p. 169-183, 2017.
- CASTRO, Marina R. N. **Socialidades e sensibilidades no cotidiano da Feira do Guamá: uma etnografia das formas sociais do gosto**. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- CHAGAS JUNIOR, E. M. **Pelas ruas de Belém: produção de sentido e dinâmica cultural nos arrastões do Pavulagem em Belém do Pará**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém- PA, 2016.
- CHAUÍ, M. A linguagem. In: **Convite à filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006. p.136-151.
- CHAUÍ, M. Cultura e democracia. Crítica y emancipación: **Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**, ano 1, n. 1, p. 89-104, jun. 2008.
- GEERTZ, Clifford. 1989. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Ed. LTC.
- IPHAN. Inrc Carimbó: **Dossiê IPHAN**, Belém, 2014.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- LIMA, Dula Maria Bento de; GOMBERG, Estélio. Cultura, patrimônio imaterial e sedução no Arraial do Pavulagem, Belém (Pa), Brasil. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 9. n. 2, nov. 2012.
- MAFFESOLI, M. **La Transfiguration du politique**. Paris: La Table Ronde, 1995.
- MAFFESOLI, M. **Au creux des apparences**. Pour une éthique de l'esthétique. Paris: Plon. Le Livre de Poche, 1993.
- MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

MOURÃO, Andressa Janaina; MOKARZEL, Marisa; KLAUTAU FILHO, Mariano. Arraial do Pavulagem, cultura e tecnologia. In: **IX Simpósio Nacional da ABCiber**, 2016, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: PUC-SP, 2016.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço decente**: Transformações do samba no Rio de Janeiro, 1917-1933. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ, 2001.

SOBRAL, R. M. **Dicionário Papachibé** - A Língua Paraense: Volume III. 2005.